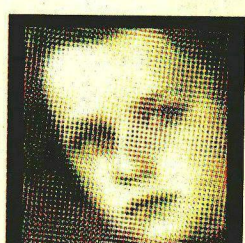
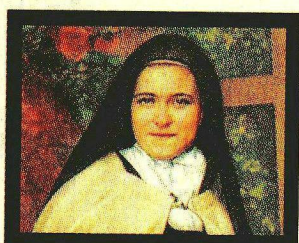
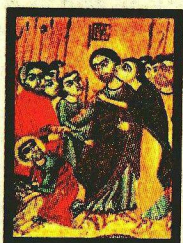
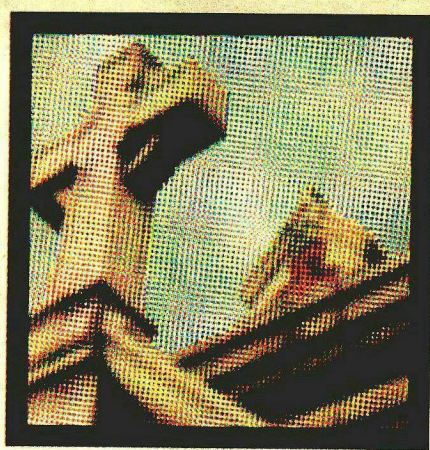
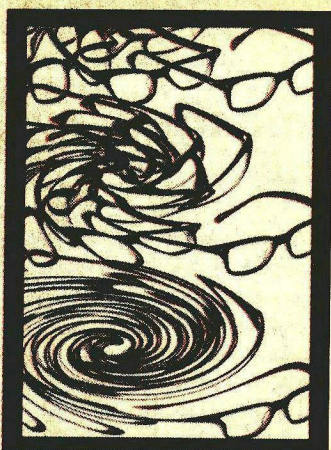
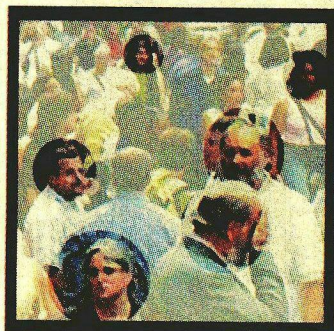
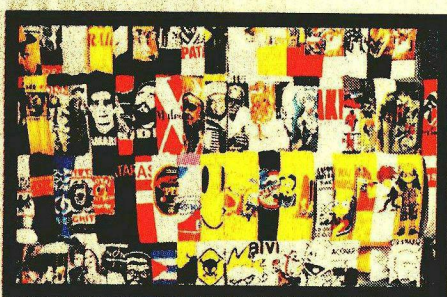
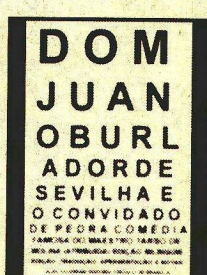
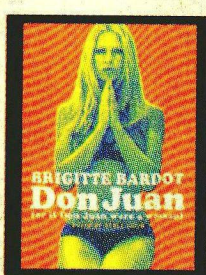
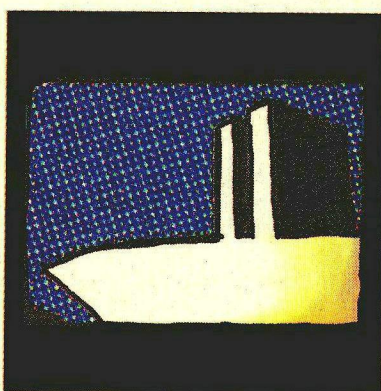
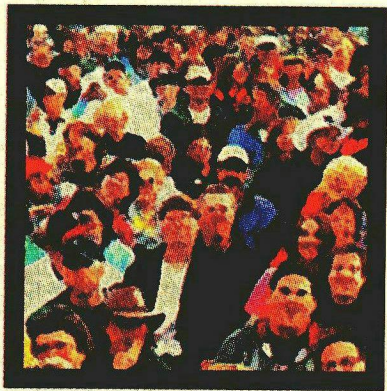


JORGE FURTADO

A HISTÓRIA DE GUILHERME



1. Maria de Lurdes descobriu que gostava de gente quando se mudou para Brasília. Em São Paulo sempre preferiu a companhia dos livros e dos filmes. Não percebia que, por excesso de oferta, tinha sua necessidade de gente suprida sem qualquer esforço.

2. O pai foi trabalhar no governo e ela foi junto, conseguiu transferência do curso de Letras mas no primeiro semestre pegou poucas cadeiras e ficou com tempo livre. Foi aí que Maria de Lurdes descobriu que passear em Brasília era muito diferente, quase todos andavam de carro e era difícil ver gente nas ruas.

3. Nos lugares fechados as pessoas são parecidas. Restaurantes, shoppings, lojas e salas de aula sempre têm algo de clube, com regras de admissão mais ou menos implícitas.

4. Foi seu interesse por filmes e livros que a fez descobrir o Conic. Ficou sabendo de uma edição bilíngüe de *Don Juan: O burlador de Sevilha e O convidado de pedra*, comédia famosa do maestro Tirso de Molina, alguém na faculdade viu na vitrine de uma livraria, no Conic. Maria de Lurdes queria ler o livro desde que viu o *Don Juan* com a Brigitte Bardot.

5. Foi lá e achou a livraria e o livro. Achou também uma ótima loja de quadrinhos, uma outra de discos, uma banca de revistas e livros, um café. Achou muita gente, todas diferentes, andando pela calçada.

6. Maria de Lurdes não gostava propriamente de conhecer gente, de encontrar ou falar com pessoas, novas ou usadas. Gostava era de desconhecê-las, de imaginar-lhes a vida e as intimidades, a profissão, afetos, os gostos e as perversões. Anônimos andando pelas calçadas, pessoas em tudo diferentes, lhe sugeriam histórias infinitas, passados distintos que construíram as vidas que se cruzavam agora sem uma troca de olhares. Gostava de imaginar os desejos e medos que moviam cada um para muitos futuros, imprevisíveis como o dela.

7. Maria de Lurdes sentou no café, com seu livro novo. Ficou olhando as pessoas que passavam, imaginando passados e futuros. E imaginando abriu o livro. "Ciúmes. (...) Deixai de me atormentar, que é coisa mais que sabida que, enquanto o amor me dá vida, a morte me quereis dar".

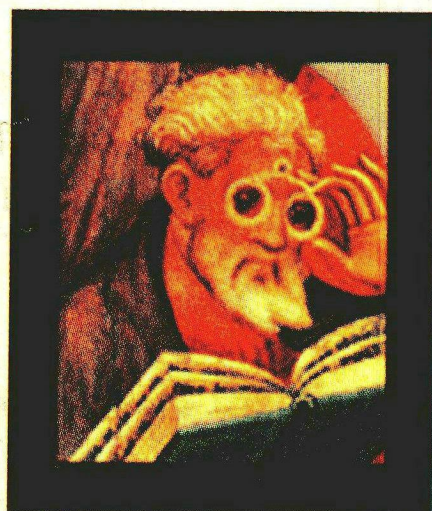
8. A tradução é de Alex Cojorian, a edição do Círculo de Estudos Clássicos de Brasília e as notas de pé de página informam que Maria de Lurdes está precisando de óculos. E foi procurando óculos que ela encontrou João Batista.

9. João Batista nasceu em Brasília e morava no Gama, com a mãe e a irmã. Acreditava em Deus Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra e em Jesus Cristo, seu único Filho, Nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo e nasceu da Virgem Maria. João Batista gostava de acreditar na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne e, muito especialmente, na vida eterna. Desde a morte do pai ele pensava muito na morte e na vida eterna. Quase não pensava em outra coisa.

10. João Batista fez curso de optometria e trabalhava havia dois anos numa ótica, no Conic. Almoçava por ali mesmo e, depois do almoço, ficava olhando as vitrines. Colecionava rostos. Não rostos de verdade, que não gostava de encarar ninguém.

(QUEM É)

Diretor de *O Homem que Copiava* e *Meu tio matou um cara*, o gaúcho Jorge Furtado adora filmes, quadrinhos, Shakespeare e criar histórias.



11. Às vezes até olhava para algumas meninas, muito bonitas, tão bonitas que jamais olhariam para ele.

12. Por isso preferia os rostos das capas, das camisetas, dos anúncios, dos cartazes, das revistas, rostos que olhavam para ele e que ele podia olhar com calma.

13. João Batista viu Maria de Fátima na vitrine e desejou muito que ela fosse uma capa de revista. Nem acreditou quando ela entrou na loja. Ela sorriu e ele imediatamente esqueceu da vida eterna. E nunca mais pensou na morte.

14. Ela escolheu o modelo sem aros, mais leve e discreto, que precisou de algum ajuste uma semana depois, quando ela voltou na loja e trouxe também um óculos escuros, para ver se dava para aproveitar a armação e botar lentes escuras de grau. Voltou na semana seguinte, almoçaram juntos. Ela falou da loja de quadrinhos, ele falou da livraria.

15. Ela falou sobre Don Juan, sobre teatro e Shakespeare. Ele falou do *Legenda áurea*, o livro de Jacoppo de Varazze sobre as *vidas dos santos*.

16. Ela contou que o teatro era religioso, nasceu como culto a Dionísio, depois foi para a rua. E tudo se repetiu na idade média, onde o teatro renasceu nas igrejas, contando milagres, depois perdeu o latim e foi parar nas escadas da igreja, depois na praça. Teatro é religião, ela disse.

17. Ele contou que a igreja usava histórias populares para animar a narrativa da vida dos santos, e que a história medieval de Judas é a mesma história de Édipo. Ela achou incrível que Édipo tivesse virado Judas no imaginário medieval, que isso significava muita coisa, ele quis saber o quê. Ela disse que não sabia muito bem, mas alguma coisa devia significar. Ele riu e ela também.

18. Casaram na Dom Bosco, ela achava lindo aquele lustre amarelo naquela luz azul. A mãe dele chorou muito, queria que o pai dele visse aquilo. A irmã dele estava linda, o pai dela muito feliz.



19. Um ano depois ela estava grávida e ficou doente. O bebê podia morrer, ou nascer com muitos problemas. Eles choraram muito e fizeram uma promessa para Santa Teresinha.

20. O menino nasceu perfeito, bonito, com quase quatro quilos. Se fosse menina seria Teresinha. Ele disse que gostava muito de Guilherme, que ele leu que significa "o protetor, aquele que protege". Ela achou incrível que ele gostasse de Guilherme, contou que João e Maria eram os pais de Shakespeare e que William em português é Guilherme. Ele disse que isso era um sinal e ela concordou. E ficou Guilherme.